



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

ENTRE A SENZALA, O TIJUPÁ E A ESCOLA: A QUESTÃO LINGÜÍSTICO-IDENTITÁRIA ENTRE AS/OS TAPUIA DO CARRETÃO-GOIÁS

Tânia Ferreira Rezende
Universidade Federal de Goiás
taferrez@hotmail.com

Introdução

Este estudo resulta de minha experiência com professoras e professores indígenas Tapuia da aldeia Carretão, em Goiás, no interior do Curso de Licenciatura Intercultural de Formação Superior de Professores Indígenas (CLIFSPI), da Universidade Federal de Goiás (UFG).

Ao mesmo tempo em que desenvolvia ações de letramento com as/os professoras/es Tapuia, a partir de suas demandas lingüísticas e pedagógicas, procurei construir juntamente com a comunidade Tapuia, uma proposta de ensino de Língua Portuguesa para a Escola Estadual de Educação Indígena Cacique José Borges, situada nas Área Indígena do Carretão. Nas duas frentes, priorizei e respeitei a variedade lingüística efetivamente usada na comunidade.

A valorização da variedade lingüística local ressaltou dúvidas e angústias das/dos Tapuia com relação a sua identidade étnico-lingüística, suscitando debates na escola indígena e na UFG. Vi-me, então, envolta na questão da identidade étnico-cultural e lingüística, bastante complexa, das/dos Tapuia, que têm sua origem na interação entre europeus, africanos e indígenas Macro-Jê (Xerente, Xavante, Kaiapó e Karajá), no antigo Aldeamento de Pedro III, em Rubiataba-GO.

Em função da complexidade da situação lingüístico-identitária da comunidade Tapuia, da proposta de educação bilíngüe, intercultural, transdisciplinar defendida pelo CLIFSPI e da resistência das/os alunas/os Tapuia com a disciplina Língua Portuguesa, decidi problematizar a questão do *ensino bilíngüe* para as/os Tapuia, tendo em vista a situação sociolingüística da comunidade.

No presente trabalho, apresento, como resultados de minhas atividades docentes, de pesquisa e pedagógica, na aldeia Carretão, parte da proposta de educação intercultural, *bidialetal*, transdisciplinar, que elaborei em conjunto com a comunidade Tapuia: anciãos, anciãs, adultas / adultos, jovens, professoras / professores, alunas /



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

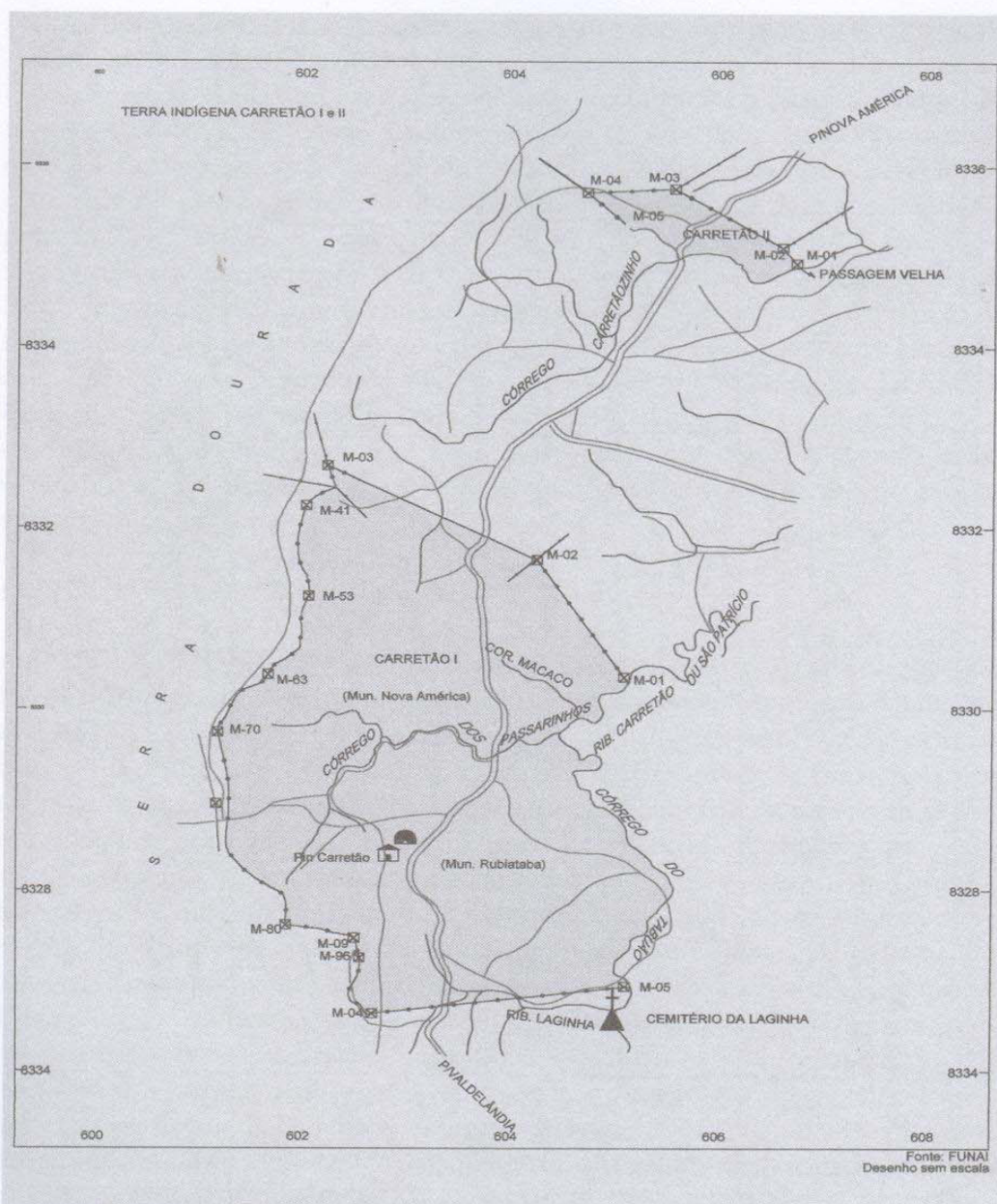
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

alunos da Escola Cacique José Borges; e o comitê orientador de estágio e pesquisa da Licenciatura Intercultural da UFG, do qual eu faço parte.

1. Situação sociolinguística das/dos Tapuia do Carretão

As/Os Tapuia estão localizados na Área Indígena do Carretão, que, por sua vez, está situada nos municípios de Nova América e Rubiataba, na região noroeste do Estado de Goiás-Brasil, território predominantemente Macro-Jê, e somam atualmente em torno de 200 pessoas.



Mapa da Terra Indígena Carretão.

Fonte: José Neto (2005, p. 42, *apud* TRINDADE, 2009, p. 27).

A comunidade tem sua origem nos remanescentes do Aldeamento Pedro III do Carretão, fundando no século XVIII, por volta de 1788, com o objetivo de *pacificar* os Xavante. Todavia, de acordo com a literatura pertinente (CERQUEIRA, 2010; SILVA, 2002; TRINDADE, 2009), foram levados para o Aldeamento Carretão, além dos



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Xavante, os povos Xerente, Kaiapó e Karajá, todos afiliados ao tronco lingüístico Macro-Jê, famílias Jê e Karajá. Foram aldeados também os ditos *negros fujões* – negros escravizados que fugiam das fazendas e eram capturados.

Ao final do século XIX, o Aldeamento foi desativado e, segundo testemunhos locais, permaneceram lá duas mulheres, uma descendente de Kaiapó e outra mestiça de Xavante e Karajá, as quais se casaram com descendentes de africanos da região de Pilar de Goiás. A partir desse casamento, origina-se a atual comunidade Tapuia do Carretão. Enfim, as/os Tapuia atuais descendem de Kaiapó, Xavante / Karajá e descendentes de africanos. Na cultura e na constituição física das/os Tapuia, podem-se perceber marcas evidentes de sua origem interétnica e intercultural, além da ausência de língua indígena.

Atualmente, a situação sociolinguística do povo Tapuia do Carretão é de *monolingüismo bidialetal* em português, sem coexistência com outras línguas indígenas. Essa situação é resultante de um processo violento e massacrante ocorrido durante a colonização do Brasil e a interiorização do domínio português na colônia, e, especificamente, no Aldeamento Carretão. Contribuiu imensamente para a perda das línguas originárias indígenas no Brasil as políticas lingüística e educacional decretadas pelo Marquês de Pombal, no século XVIII.

Dado o tipo físico das/dos Tapuia e o fato de todas/os falarem apenas o português, um português característico da área rural de Goiás, a sociedade local não as/os reconhece nem as/os aceita como indígenas. São consideradas/os, em geral, como *negros sertanejos*. Em Rubiataba, ouve-se frequentemente perguntas como *Você é índio, então cadê sua língua? Fala na sua língua aí pra mim escutá*. Há, portanto, um conflito lingüístico-indentitário, entre as/os Tapuia e a sociedade envolvente, que já se instala no interior da comunidade Tapuia.

Tal conflito lingüístico-identitário se agravou mais ainda quando as/os Tapuia ingressaram no CLIFSPI / UFG, em 2007. Fazem parte do CLIFSPI / UFG, além das/os Tapuia, alunas/os pertencentes aos povos Xerente, Javaé, Tapirapé, Karajá, Apinajé, Krahô, Gavião e Guarani (ROCHA, PIMENTEL DA SILVA e BORGES, 2010, p. 86). Entre as/os alunas/os citadas/os, há monolíngües, bilíngües e trlíngües. A diferença entre o monolingüismo do povo Tapuia e o monolingüismo de outros povos indígenas, como os Karajá / Xambioá, por exemplo, é que estes têm conhecimento e convivem



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

com sua língua originária, ao contrário das/os Tapuia que não sabem, ao certo, nem nunca conviveram com sua língua originária. Decorre desse quadro a expressão *sem coexistência com sua língua originária* empregada neste texto.

Ao perceberem que o povo Tapuia desconhecia qual era sua língua originária, os outros povos indígenas, mesmo aqueles pertencentes a comunidades monolíngües ou em franco processo de perda da língua originária, começaram a também discriminarem as/os Tapuia, questionando sua identidade indígena. O preconceito enfrentado pelas/os Tapuia, na região do entorno do Carretão, com relação ao seu monolinguismo em português, estava agora entre as/os parentes indígenas também. Desse conflito, surgiram alguns questionamentos e foram adotadas algumas posturas, que relato a seguir.

2. Identidade linguística Tapuia

Uma questão muito importante, que emergiu nas aulas na UFG e nas aulas na Aldeia, frente ao preconceito linguístico-identitário para com as/os Tapuia, evoca a relação entre identidade e linguagem, expressa, principalmente, nas indagações: Para ser índio é preciso falar uma língua indígena? Se não houver na comunidade nenhum falante de língua indígena, então essa comunidade não é indígena?

Uma decisão tomada e uma postura assumida foi que a língua não pode ser tomada como o único fator de identidade, só porque é conveniente desconstruir uma identidade. Esse argumento passou a ser adotado nas relações interculturais das/os Tapuia tanto com suas/seus parentes indígenas quanto com os não indígenas.

No mundo românico, por exemplo, não se fala mais o latim, todavia, o povo continua a ser identificado como *românico* ou como *latino*, porque é entendido que as línguas românicas ou neolatinas sejam o próprio latim modificado, no tempo e no espaço, pelos contatos e pelo uso que cada povo fez e faz daquela língua.

Nesse sentido, entendo que o português das/os Tapuia não é a língua portuguesa dos administradores do antigo Aldeamento Pedro III do Carretão nem é a língua originária de cada povo indígena que participou da formação das/dos Tapuia. Trata-se de outra língua, com formas, funções e regras de uso próprias da comunidade que a fala, colore e perpetua. Dizer, portanto, que o Português das/os Tapuia não é língua indígena,



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

uma vez que é a língua das/dos indígenas, é negá-la às/aos Tapuia. O povo Tapuia confere ao português que usam uma identidade indígena e, tornando-a uma língua de indígenas é ela uma língua indígena: o Português Tapuia, variedade específica de uso do português brasileiro no cerrado central do Brasil.

Ademais, é no Português Tapuia que a comunidade se sente, faz e se entende Tapuia, por meio da interação entre distintas gerações, pela continuidade do ensinamento de seus saberes ancestrais, por meio das tradições locais e dos causos contados ao pé do fogão, na roça ou na pamonhada, conforme veremos a seguir.

2.1 Narrativas tradicionais e culinária Tapuia: entre a senzala e o tijupá

As narrativas tradicionais das/dos Tapuia, em geral, trazem lembranças de antigamente, de quando a Aldeia era constantemente visitada pelos *parentes* (COSTA, 2011a), dentre os quais predominavam os Xavante e os Xerente. Os Karajá passaram também pela aldeia, de forma mais esporádica. No momento, há apenas uma Karajá morando no Carretão, por estar casada com um Tapuia.

Nas narrativas dos *velhos*, podem-se entrever os costumes dos antigos, como, por exemplo, seus hábitos alimentares, que chamo de culinária tradicional Tapuia, além de mostrar resíduos de conflitos com relação a diferentes manifestações religiosas.

Nos ensinamentos antigos da comunidade, é recomendado, por exemplo, não se plantar gameleira na porta de casa, porque esta árvore traz má sorte para a/o dona/o da casa e porque é debaixo dela que o capeta passa toda a quaresma jogando baralho (COSTA, 2011a).

A cultura cristã reverencia as árvores e as plantas, tanto quanto qualquer outra cultura. Um exemplo disso está no mito de criação, relatado na bíblia sagrada dos cristãos, quando Adão e Eva estão no Jardim do Éden e comem o fruto proibido da árvore sagrada. A tradição católica e muitas outras tradições ameríndias opõem árvores do bem a árvores do mal. No ensinamento citado anteriormente, a menção à quaresma e ao capeta, remete ao catolicismo, e a qualificação da gameleira como *árvore do mal* expõe a visão cristã acerca dos valores sagrados de culturas africanas e as manifestações afro-brasileiras denominadas de candomblé. Para Bastide,



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

A fitolatria fetichista entre os afro-brasileiros está representada em primeira linha, no culto à gameleira (*ficus religiosa?*), que os nagôs chamam Iroco e os gêges, Lôco. Nos bosques e nas matas, nos caminhos do Garcia, do Retiro, do Rio Vermelho, etc., na Bahia, a gameleira Irôco é preparada como fetiche, a quem tributam as homenagens do culto. Irôco, preparada, não pode ser tocada por ninguém. Torna-se sagrada, tabú. Se a cortarem, correrá sangue em lugar de seiva e será fulminado aquele que o fizer. (BASTIDE, 1978, p. 65).

Tendo em vista que a função primordial dos aldeamentos no Brasil era civilizar / cristianizar os indígenas e os escravizados *resistentes*, categorizar a árvore sagrada dos africanos e seus descendentes como *árvore do mal*, *morada do capeta*, *símbolo demoníaco*, etc levava e ainda leva à reelaboração, de maneira contundente e impiedosa, do sagrado no imaginário de negros e índios, inibindo qualquer pensamento e prática fora dos moldes cristãos, invertendo-se os valores sobre o sagrado para as diferentes culturas envolvidas no processo de cristianização.

Pode-se, então, perceber, em apenas um dos muitos saberes Tapuia, o conflito entre os valores sagrados fundadores da cultura cristã e os valores sagrados fundadores das culturas africanas, presentes na cultura Tapuia.

Outra expressão da interculturalidade na formação das/os Tapuia está na culinária Tapuia. De acordo com Silma Costa (2011b), a culinária Tapuia, que está na base dos hábitos alimentares tradicionais das/os Tapuia, é constituída, principalmente, de bolo de arroz, bolo de mandioca, biscoito de queijo, pão de queijo, roscas fritas e assadas, afogadinho de umbigo de banana, frito de banana verde, abóbora madura com carne seca, molho de abóbora verde, cumбуquira, afogadinho de mamão, milho cozido com feijão, arroz pururuca, beiju com rapadura, arroz com pequi, afogadinho de coco macaúba, pamonha e beroti (carne de bicho [caça] assada na folha de banana). Como se pode notar, trata-se de uma culinária de origem européia, indígena e afro-brasileira.

Uma festa antiga da comunidade é a pamonhada, que começa desde o preparo da terra para o plantio do milho e vai até a colheita do milho e o preparo das pamonhas. Durante a pamonhada acontece jogo de truco – lembrem-se que durante a quaresma, o



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

capeta joga truco debaixo da gameleira –, cantoria e, às vezes, o forró, em borá o forró seja mais comum no encerramento do mutirão, outra tradição local.

Diante do exposto, pode-se entrever a identidade Tapuia sendo formada no *terrero*, entre um *tijupá* (cabana de indígenas, o mesmo que choça) e a *senzala*, às vezes com conflito, mas nem sempre. Isso me leva a defender que, uma vez aceitando que toda identidade é construída e percebida na diferença que torna iguais os diferentes e na semelhança que torna diferentes os iguais, valorizar os conhecimentos tradicionais e a língua das/dos Tapuia é uma forma de prestigiar, respeitar e, assim, afirmar a identidade Tapuia. Identidade, seguramente indígena, de indígena remanescente de aldeamento, que equivale a remanescente da interculturalidade, não só entre diferentes povos indígenas, mas entre indígenas e descendentes de africanos e de europeus; da cristianização, confusão, inversão e conseqüente reelaboração de valores ideológicos, acerca do sagrado; e da violenta perda das línguas originárias, pela imposição da língua de dominação, de outro tipo lingüístico, com outra visão de mundo e outro sistema de referenciação da realidade. O resultado é uma variedade estigmatizada de uso do português brasileiro, investida de insegurança lingüístico-identitária.

2.2 O mito da língua originária indígena

Algumas pessoas da comunidade manifestam o desejo, construído discursivamente nos anos 80 e 90, de recuperação da língua originária indígena dos Tapuia. A formação sociohistórica da comunidade não permite saber se houve o uso de uma língua indígena em Carretão e, se houve, qual seria essa língua. Suponhamos que se descubra qual era a língua indígena de uso corrente do povo Tapuia, no passado, seria possível resgatá-la na comunidade? Qual seria sua função? É possível a restauração do bilinguismo, nesse contexto? Qual seria a função do bilinguismo restaurado?

Considerando que o Aldeamento Carretão foi fundado no segundo momento da política de aldeamentos em Goiás, sob o regime do Marquês de Pombal, portanto, sob uma política lingüística unificadora em torno da língua portuguesa, além dos objetivos e da organização de todo e qualquer aldeamento, apesar da coexistência de diferentes povos, falantes de distintas línguas, ainda que do mesmo tronco lingüístico, pode-se



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

inferir que a língua oficial do Aldeamento Carretão tenha sido sempre a língua portuguesa.

Dessa forma, seria mais proveitoso para a comunidade e para a escola recuperar e explicitar a porção indígena da variedade lingüística do português brasileiro usada na comunidade, fortalecendo, assim, a identidade do português das/dos Tapuia, não só nas formas ou regras de uso da língua portuguesa, mas nas construções e nas funções das expressões cotidianas empregadas pelos Tapuia.

Além do mais, considerando que a língua de um povo reflete sua visão de mundo, que impinge na estrutura lingüística os valores, sentidos e organizações culturais da comunidade de falantes, o português usado pelas/os Tapuia reflete uma visão de mundo indígena, constituindo-se, portanto, este português, em uma língua indígena, reafirmando, assim, a identidade indígena da comunidade, por meio da visibilização e afirmação de um Português Tapuia.

2.3 Português Tapuia

Existe um português particularmente Tapuia? À primeira vista o português das/os Tapuia pode parecer uma variedade lingüística rural goiana, sem nada que o tipifique como um Português Tapuia. Todavia, uma análise mais acurada, cuidadosa, menos formalista e sob uma concepção mais democrática de linguagem mostrará que a variedade lingüística usada na comunidade é diferenciada na estrutura, nas funções lingüísticas e discursivas e, principalmente, no sistema de referência refletido na língua.

Costa (2010) discute a função do artigo definido diante de nome de família, como avó/avô, pai, mãe, tia/o, como em: Ô mãie... *a vó* chegô.

Naquele contexto de uso, afirma a autora, o artigo definido ou dispensa o pronome possessivo ou cumpre com a função de indicar posse. Trata-se de um fenômeno comum a muitas variedades de uso do português brasileiro. Entretanto, considerando o padrão goiano, em geral, e o padrão particular da região noroeste de Goiás – Minha mãe, Meu pai, Minha vó, Meu vô (REZENDE, 2007) –, o padrão Tapuia, com relação a esse fenômeno, especificamente, é diferente.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Trindade (2009) defende a existência de um português Tapuia, denominado em sua dissertação de *Português Tapuio*, e que uma característica marcante dessa variedade lingüística é a forma monotongada de ditongos, como em ‘pe-nei-ra’ (ditongo) → ‘pe-ne-ra’ (monotongo), ‘cai-xa’ (ditongo) → ‘ca-xa’ (monotongo). A decisão do Professor Trindade se assenta na preferência dos falantes pela forma monotongada em detrimento da forma ditongada, refletida no teste de atitude realizado na comunidade Tapuia.

Assim, até que se tenha uma descrição mais completa da variedade linguística usada pelas/os Tapuia, eu e a Professora Silma Costa consideramos as variedades linguísticas goianas como parâmetro de diferenciação em defesa do Português Tapuia.

3. Ensino de língua na proposta de educação bidialetal-intercultural transdisciplinar

Tendo em vista que a tarefa da escola é promover o desenvolvimento das habilidades *ler, escrever, falar, ouvir* e, mais recentemente, *interagir virtualmente*, e uma vez que nossa tradição cultural (e até a habilidade primária da espécie) é a interação pela oralidade, não perdendo de vista que vivemos em um mundo *letrado* e informatizado, em uma proposta de educação bidialetal-intercultural, o desenvolvimento de todas as habilidades deve ser estimulado a partir da norma consenso da comunidade.

Não se propõe, com isso, a primazia da norma consenso e a exclusão da norma *padrão-escolar*. Nem teria como, pois toda a tecnologia pedagógica da escola e os textos de formação dos professores priorizam a norma *padrão-escolar* e só essa norma. O que se defende é que a norma local, que dá vida à comunidade e que tem sentido para o falante, tenha o mesmo espaço e respeito que a outra. Que se dê visibilidade e prestígio ao falar Tapuia, para que a/o Tapuia fale e escreva com segurança.

Ademais, não é necessário mais uma proposta de ensino a canonizar a norma *padrão-escolar*, sempre houve e sempre haverá muitos guardiões desta norma. O que se propõe é que a/o falante Tapuia tenha o direito de usar sua norma lingüística e que esta seja respeitada e reconhecida como mais uma variedade lingüística do português brasileiro, sem prejuízo de sua identidade indígena.

Acredito que no processo de aquisição da competência comunicativa, na escola, a criança, desde que sem traumas nem sofrimentos, vai entendendo as funções e as



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

esferas de uso de cada norma, sem, com isso, suplantar uma delas. Assim, proponho que o ensino da disciplina Língua Portuguesa seja realizado, na escola Tapuia, em Português Tapuia, porque o papel legítimo da Educação é *libertar*.

3.1 O conceito *bidialetalismo*

Dialeto, no meu entendimento, é um conjunto de normas de uso linguístico que caracteriza e identifica uma comunidade de falantes. O prefixo *bi-* é derivado do latim *bis-* ‘duas vezes’ e em português, como nas demais línguas românicas, mantém o sentido e a função que possuía no latim.

Para Bakhtin e seu círculo, a palavra, da mesma forma que a linguagem como um todo, concebida em seu uso concreto e significativo socialmente, deve ser tratada em sua história e sua historicidade; equivale a dizer: em sua feitura ideológica. A palavra entoada pelo falante recebe vida e valor advindos da sociedade e da história de seu uso. Nesse sentido, a palavra está aberta aos usos, significados e valores que cada grupo de falantes lhe confere.

Assim é que *bidialetalismo*, no contexto de construção de uma proposta de educação intercultural para povos indígenas, recebe uma nova entoação e adquire um novo sentido. Portanto, do ponto de vista sociolinguístico, *bidialetalismo* remete a uma situação de coexistência de normas distintas de uso da mesma língua.

Ideologicamente falando, nessa proposta, *bidialetalismo* significa o conflito entre, de um lado, uma norma considerada de prestígio, que deve ser usada e ensinada – é a norma retirada de autores clássicos da literatura do passado e fossilizada nos compêndios gramaticais – e de outro lado, a norma viva, entoada, colorida, nascida e vivificada no uso concreto, efetivo e espontâneo que os falantes fazem de uma língua de dominação.

Nessa concepção, temos uma dualidade, o *duas vezes* latino inscrito no prefixo *bi-*. Do ponto de vista cultural, que congrega o sociolinguístico e o ideológico, encaramos o prefixo *bi-* como uma oposição ao *uno / homo*, que confronta a cosmovisão luso-românica à cosmovisão luso-macro-jê do Cerrado Central, em que *bi-* não é *duas vezes*,



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

significando o produto da soma de $1 + 1$, mas a relação entre o *uno* e o *vário* ou o *uno* e o *não uno* ou *mais de um*.

Enfim, *bidialetalismo*, nesta proposta, significa a coexistência de muitas normas de uso do português brasileiro, com todo o seu colorido indígena, cada uma das normas com uma ou mais funções específicas, explícitas ou não, na comunidade; cada uma das normas com um valor social e significado cultural, recebendo cada uma sua avaliação social. O *bidialetalismo* pretende abarcar, com igual status, todas as falas das/dos Tapuia e, nesse mosaico dialetal, apontar a beleza e a importância de cada uma.

3.2 O bidialetalismo na comunidade

O bidialetalismo, conforme concepção apresentada na seção 3.1, é a realidade sociolinguística no Carretão e não me compete (nem a mim nem a ninguém) mudar esse quadro. Meu papel, se possível, é contribuir para modificar as atitudes sociais com respeito a essa realidade. Descrever e procurar entender as atitudes sociolinguísticas das/dos Tapuia em relação à sua língua originária, o português, é o objetivo do projeto de pesquisa Situação sociolinguística da comunidade Tapuia do Carretão, em curso na Universidade Federal de Goiás, sob minha coordenação e com a participação da Professora Silma Costa Tapuia.

No andamento do referido projeto e nas etapas de estudos na Área Indígena Carretão, foi possível perceber nas reuniões com a comunidade, durante a pamonhada e em outros eventos e interações com a comunidade, que no dialeto dos mais velhos há itens lexicais que, embora conhecidos por todos na comunidade, não são usados pelos mais novos.

Em exposição oral, nos seminários acadêmicos do CLIFSPI, a graduanda Silma Costa afirmou que em uma de suas aulas levou um ancião da aldeia para conversar com os alunos. Nesta interação, a Prof^a Silma teve de intervir várias vezes para *traduzir ao ancião* o que as/os alunas/os estavam dizendo, porque o ancião não conseguia entender as/os alunos.

Durante a pamonhada, evento tradicional da comunidade, foi feito um jornal mural, escrito no Português Tapuia e no português padrão-escolar. O jornal mural atraiu



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

sobremaneira a atenção de toda a comunidade. A visibilização de seu modo de falar fez as/os Tapuia rirem, mas com orgulho. Esta ação, embora tenha sido alvo de muitas críticas, plantou a semente da autoaceitação lingüística na comunidade Tapuia do Carretão.

3.3 O bidialetalismo na escola

Eu defendo que uma educação bidialetal só pode ser intercultural. A interculturalidade, nesse sentido, não é um conceito ou uma categoria que se aplica a uma análise de dados. Trata-se de uma postura que reflete um conjunto de atitudes, concepções e práticas dialógicas matizadas, sem hierarquias nem estratificações. São relações horizontais e nunca verticais, nem no tempo, pois, nessa concepção, passado, futuro, presente são descrições e não realidades.

No Português Tapuia, presente, passado e futuro se juntam, uma vez que as/os falantes conservam padrões lingüísticos do passado e, assim, é uma língua conservadora, ao mesmo tempo em que é atual, porque cumpre com todas as necessidades comunicativas e reflete todos os sentimentos, desejos e intenções das/dos falantes; é inovadora, posto que muitas normas em franco uso na comunidade representam mudanças lingüísticas e poderão vir a ser, em um futuro muito próximo, a norma geral do português brasileiro; é conservadora, uma vez que preserva padrões de uso do português já modificados na área urbana do Brasil, como as próteses, por exemplo ('alembrear'). Tanto os padrões inovadores quanto os padrões conservadores estão presentes e em uso na escola, nas interações sociais, nas aulas e na construção de conhecimento.

Nesta proposta de educação bidialetal-intercultural, o ensino de conhecimentos distintos (os ditos universais e os considerados tradicionais), relacionados dialogicamente, promove a intersecção entre as diferentes normas presentes na escola: a norma consenso da comunidade, presente em alguns gêneros da escrita e na oralidade, denominada de *Português Tapuia*; a norma oficial, de prestígio, considerada culta no Brasil, presente nos livros didáticos, nas gramáticas e nos dicionários, denominada de *norma padrão-escolar*, direcionada para a escrita, principalmente para a escrita oficial;



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

normas variadas de uso do português brasileiro vernacular, usadas nas comunidades que mantêm algum tipo de relação sociocultural com as/os Tapuia, denominada de português brasileiro. Como se pode notar, a matéria é complexa e a tarefa é árdua.

Em suma, defendo que o ensino, na escola da Área Indígena Carretão, de qualquer tema em qualquer disciplina, inclusive Língua Portuguesa, seja feito *no* Português Tapuia, ainda que para ensinar a norma padrão de prestígio do português brasileiro, que é direito de todo cidadão brasileiro.

4. Amarrando alguns pontos

Com os trabalhos desenvolvidos no CLIFSPI e na escola da Área Indígena Carretão, houve uma mudança perceptível de atitude das/dos Tapuia e dos parentes participantes do CLIFSPI, em relação ao monolinguismo em português do povo Tapuia, rumo à aceitação do Português Tapuia como uma língua indígena, por ser a língua originária de um povo indígena.

Os conflitos lingüístico-identitários das/dos Tapuia ainda permanecem, na comunidade e no CLIFSPI, mas foram significativamente minimizados. A visibilização do Português Tapuia, por meio de atividades escolares, como o jornal mural, o jornal informativo e os materiais didáticos que as/os professoras/res estão produzindo para suas aulas.

Por meio de debates em seminários e nas aulas, as/os professoras/res Tapuia foram assumindo sua identidade bidialetal em português, entendendo e mostrando para seus interlocutores que a situação das/dos aldeadas/dos e o processo de formação do povo Tapuia, inserido nas práticas político-ideológicas da colonização do Brasil, resultaram no monolinguismo e no bidialetalismo / interuclturalidade que caracteriza as/os Tapuia atualmente.

O Português Tapuia foi sendo, gradualmente, aceito e respeitado como a língua originária das/dos Tapuia, portanto, como língua indígena, e, por fim, houve um entendimento geral que o monolinguismo em português não diminui nem desmerece a identidade indígena do povo Tapuia.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

A efetivação e desenvolvimento da proposta de educação bidialetal-intercultural, transdisciplinar promoveu a equiparação dos saberes tradicionais Tapuia com os saberes universais, nos temas estudados no CLIFSPI e nos conteúdos estudados na escola da comunidade Tapuia, por meio do ensino *na* língua das/dos Tapuia.

5. Referências

BASTIDE, Roger. O Candomblé da Bahia: O Rito Nagô. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978. In: SANTOS, Cristiano Henrique Ribeiro dos. *O Simbolismo da Árvore-Mundo no Candomblé: conexão entre o mundo dos homens e o mundo dos deuses*. Anais do XXIV Congresso Brasileiro de Comunicação – INTERCOM. Campo Grande-MS: UFMS, 2001.

CERQUEIRA, Ádria Borges Figueira. *Ser Tapuio é ser índio misturado – narrativas orais, memória e identidade entre os Tapuios do Carretão (1979-2009)*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de História, 2010.

COSTA, Silma Aparecida da Silva. *Reflexões pedagógicas sobre o ensino na língua Tapuia*. Relatório parcial de Estágio Pedagógico – prática de sala de aula. (Graduação) – Universidade Federal de Goiás, CLIFSPI, 2010.

COSTA, Silma Aparecida da Silva. *Narrativas tradicionais Tapuia*. Monografia (Graduação) – Universidade Federal de Goiás, CLIFSPI, 2011a.

COSTA, Silma Aparecida da Silva. *Transformações culturais dos hábitos alimentares do povo Tapuia*. Relatório parcial de pesquisa para Capes / Observatório da Educação Escolar Indígena. Goiânia: CLIFSPI / UFG, 2011b.

REZENDE, Tânia Ferreira. *Projeto Estudo da Fala Goiana (2002-2007)*. Relatório final de projeto de pesquisa. Goiânia: PRPPG / UFG, 2007.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

SILVA, Cristhian Teófilo da. *Borges, Belino e Bento: a fala ritual entre os Tapuios de Goiás*. São Paulo: Annablume, 2002.

TRINDADE, Israel Elias. *O fenômeno da monotongação no Português Tapuio*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Letras, 2009.